

DOMINAÇÃO FABRIL E IDENTIDADE OPERÁRIA

LOPES, José Sergio Leite.

A Tecelagem dos Conflitos de Classe na "Cidade das Chaminés" - São Paulo Editora Marco Zero e Editora Universidade de Brasília em coedição com o MTC/CNPq, 1988, 623 p.

Jacob Carlos Lima*

Originalmente tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), o Livro de José Sergio Leite Lopes é o resultado de anos de pesquisa sobre a forma de dominação representada pela fábrica com Vila Operária.

Trabalho que extrapola os limites das diversas ciências sociais mesclando etnografia e historiografia social, reconstrói, de forma detalhada, a "autoconstrução" de uma identidade operária entre os trabalhadores da Cia. Têxtil Paulista, situada no município do mesmo nome, em Pernambuco, cuja dominação se estende extra-fábrica pelo controle sobre a vida dos trabalhadores representada pela vila operária, e também o domínio político sobre o município a que termina por dar origem.

O caráter autárquico da fábrica, que o autor denomina de "sistema paulista", abarcava desde a formação propriamente dita da força de trabalho por ele utilizada, através de aliciamento de trabalhadores no interior de Pernambuco e Paraíba, passando pelos "rituais" de seleção feitos pelo "dono da fábrica" o Coronel Frederico, a "teatralização da dominação" que a acompanha, representada por diversas histórias de operários ou fa-

* Professor Assistente do Departamento de Ciências Sociais da UFPb.

mílias operárias – a escolha do trabalhador pela aparência das mãos (para ver se ele tinha vontade de trabalhar de fato) as mudanças de função na fábrica, além da resolução de diversas questões diretamente com o coronel (que terminaram por “legitimar” essa dominação frente a momentos posteriores de mudança no “sistema”. O “trabalho para todos” característico da primeira fase da companhia garantia, por parte desta, as condições materiais de existência dos trabalhadores, além do pleno emprego, não apenas na parte fabril mas também em suas terras, reservas de madeira, etc. O fornecimento de roçados e “sítios” às famílias operárias, o controle sobre o preço dos alimentos nas “feiras” (inexiste o barracão da companhia), o fornecimento de casas e móveis (cobrados a posteriori), a madeira para cozinhar, garantem a reprodução da força-de-trabalho, permitindo a manutenção de baixíssimos salários, motivos de brigas intra-burguesas com os industriais do sul que reclamam da “super-exploração” do trabalhador nordestino, sem contudo descobrirem o “segredo” da manutenção desses trabalhadores.

Esse conjunto de fatores garantia a imobilização da força-de-trabalho, sempre à disposição da companhia, que a utilizava segundo seus interesses, além de aparecer como grande benfeitora junto a órgãos de imprensa e ao governo estadual.

Por outro lado possibilitou o surgimento de uma cultura operária, dada pelas pequenas lutas cotidianas de resistência à dominação, à arbitrariedade do corpo armado de vigias, dos mestres e contra-mestres que, de espontâneas e individuais passam para o associativismo sindical, e o enfrentamento com a fábrica que combate ferozmente as tentativas de organização dos trabalhadores.

A atividade sindical dos trabalhadores desnuda a dominação fabril, transforma-se em fissuras na estrutura do “sistema paulista”, combatido com êxito em diversos momentos em função de conjunturas políticas favoráveis. Nesse ponto temos a atuação da fábrica e dos trabalhadores no contexto da revolução de 30, da regulamentação da atividade sindical e o surgimento das leis trabalhistas, e o poder político exercido pela fábrica, que desobedece sistematicamente a legislação, acobertada por um Ministério do Trabalho dúbio em suas decisões, e o surgimento de conflitos, com o interventor federal. As derrotas operárias representadas por intervenções no sindicato, criação de sindicato pelego, adia mas não elimina a crescente

combatividade dos trabalhadores, que ressurgiu com força no final da década de 40.

Nesse momento assiste-se também a modificações no caráter autárquico da fábrica, com demissões em massa de trabalhadores com a introdução de mudanças técnicas no processo de trabalho, a eliminação do roçado e outros serviços prestados pela fábrica e a concorrência "assistencial" do sindicato. O movimento sindical por sua vez irá refletir a construção de uma consciência de classe desses trabalhadores e o enfraquecimento progressivo da dominação dos Lundgrens em seu "feudo", situação que aparece na fala dos trabalhadores com certa nostalgia do período anterior (até os anos 40), e momentos favoráveis à luta operária como no 2o. governo de Getúlio e o período a partir de Juscelino, até o golpe militar.

A partir de Paulista, Leite Lopes, reconstrói o movimento operário em Pernambuco, a atuação do PC e de outros partidos, privilegiando a efetiva ação operária, ao contrário de estudos operários onde o movimento operário confunde-se com o movimento sindical ou mesmo com a atuação do partido.

O livro termina com a situação pós-64, a industrialização via SUDENE, a repressão, e o final da vila operária como forma específica de dominação, o Estado assumindo, ou melhor desonerando o capital no referente à reprodução da força de trabalho, a conquista da cidade pelos trabalhadores, o final da estabilidade do emprego e o surgimento de novas fábricas e novos segmentos.

Desnecessário dizer da importância do Livro para a compreensão da questão operária no Brasil e no Nordeste, assim como do sistema fábrica-vila operária. Entre os inúmeros méritos do trabalho, está o de captar as inúmeras dimensões do processo de formação desse operariado, o autofazer-se da classe operária (Thompson), que passa não apenas por suas instâncias representativas, mas pelo cotidiano fabril e extra-fabril, o enfrentamento com as macro e micro-situações da existência na busca da dignidade dos trabalhadores enquanto indivíduos.

Trabalho de fôlego, que exige do leitor outro tanto para apanhá-lo em suas 623 páginas (incluindo anexos e bibliografia). Não que seja leitura difícil, complicada, mas pelo nível de detalhamento, pela utilização retomada de depoimentos operários, analisados de forma distinta, que em alguns momentos soam como repetições. Outro dado diz respeito a alguns capítu-

los extremamente longos, que não permitem ao leitor uma pausa para retomar o fôlego. Detalhes insignificantes frente à riqueza do trabalho.

João Pessoa, fevereiro, 1989